

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Conceções de Arte em Pacientes Psicóticos**

**Sara Isabel Costa Santos**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**Área de Especialização em Psicologia Clínica Dinâmica**

**2022**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Conceções de Arte em Pacientes Psicóticos**

**Sara Isabel Costa Santos**

**Dissertação orientada pelo Professor Doutor António Manuel Duarte**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**Área de Especialização em Psicologia Clínica Dinâmica**

**2022**



*“Eu estou sempre a fazer aquilo que não sou capaz,  
numa tentativa de aprender como fazê-lo.”*

Vincent van Gogh

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos aqueles que me apoiaram e que acreditaram em mim, respeitando o caminho que de forma livre, autêntica e pessoal escolhi percorrer e que me levou até ao momento presente, onde me encontro a escrever estas palavras.

Foram sem dúvida tempos de trabalho árduo onde foi necessário estabelecer prioridades e assumir algumas renúncias de forma a atingir o objetivo proposto.

Confesso que quando me propus a este objetivo não tinha a noção de como conseguiria conciliar toda a minha vida pessoal, profissional e académica. Ao longo destes cinco anos em cada desafio e contratempo (e foram muitos) fui sempre abençoada com uma ajuda e solução por parte de diversas pessoas que nos momentos certos se fizeram presentes na minha vida.

Estou orgulhosa desta conquista e agradeço a todos estes “anjos da guarda” por me ajudarem a concretizar a minha decisão de me tornar psicóloga.

Um agradecimento muito especial e cheio de carinho,

À Teresa.

## Resumo

As concepções pessoais sobre arte influenciam em algum grau a experiência de apreciação da arte, visto que parecem funcionar como reguladores desta experiência (Leder et al., 2004). O presente estudo mostra-se relevante para a intervenção terapêutica baseada na arte com indivíduos diagnosticados com patologia mental da linha psicótica, uma vez que o conhecimento sobre o tipo de concepções sobre a arte nestes indivíduos informará aquele modo de intervenção.

Neste sentido, esta investigação teve como objetivo principal conhecer as concepções de arte de indivíduos diagnosticados com patologia mental da linha psicótica, a partir de uma análise qualitativa e exploratória das respostas dadas numa entrevista semiestruturada individual, a qual foi organizada de acordo com três dimensões: Apreciação da Arte (AA), Criação da Arte (CA) e Obra de Arte (OA).

As respostas à entrevista foram sujeitas a uma análise temática de conteúdo “intermédia”, que envolveu a aplicação de um sistema de categorias prévio, que compreende as dimensões acima referidas (Cunha, 2021), assim como a criação de novas categorias para concepções nele não categorizáveis.

Os resultados apontam para uma variedade de concepções referentes à AA (e.g., no que toca a Processos de Apreciação, Agentes de Apreciação, Fatores de Apreciação e Efeitos Pessoais da Apreciação), referentes à CA (e.g., no que diz respeito a Processos de Criação, Agentes de Criação, Fatores de Criação e Efeitos Pessoais da Criação) e referentes à OA (e.g. Correspondentes a Critérios Intrínsecos à OA e Não Correspondentes a Critérios Intrínsecos à OA).

Concluiu-se por uma diversidade de concepções nos indivíduos inquiridos, diagnosticados com patologia mental da linha psicótica, algumas das quais não descritas na literatura anterior consultada e, que poderão representar de forma idiossincrática as suas concepções da arte. No entanto este estudo assume-se como preliminar e exploratório, carecendo de confirmação e aprofundamento por parte de estudos futuros.

**Palavras-chave:** arte; concepções de arte; concepções pessoais; psicose.

## **Abstract**

Personal conceptions about art influence in some degree the art evaluation experience, since they seem to function as regulators of this experience (Leder et al., 2004). The present study is relevant for therapeutic art-based interventions with individuals diagnosed with mental pathology of the psychotic line, once knowledge about the conceptions of art in this kind of individuals will inform that intervention mode.

In this sense, this investigation had as main objective to know the conceptions of art of individuals diagnosed with mental pathology of the psychotic line, from a qualitative and exploratory analysis of the responses given in an individual semi-structured survey, which has been organized according to three dimensions: Art Appreciation (AA), Creation of Art (CA) and Work of Art (WA).

The responses to the survey were subjected to an “intermediate” thematic content analysis, which involved the application of a previous category system, that comprises the above mentioned dimensions (Cunha, 2021), as well as the creation of new categories for conceptions that are uncategorizable in it.

The results point to variety of conceptions referring to AA (e.g., Appreciation Processes, Appreciation Agents, Appreciation Factors and Personal Effects of Appreciation), referring to CA (e.g., Creation Processes, Creation Agents, Creation Factors and Personnel Effects of Creation) and referring to WA (e.g., Corresponding to WA’s Intrinsic Criteria and Not Corresponding to WA’s Intrinsic Criteria).

Concluding, the study allowed the observation of a diversity of conceptions in the enquired individuals, diagnosed with mental pathology of the psychotic line, some of them non-disclosed in the previous consulted literature, which might represent, in an idiosyncratic way, their conceptions of art. However, this study is assumed as a preliminary and exploratory one, needing confirmation and deepening by future studies.

**Keywords:** art; conceptions of art; personal conceptions; psychosis.

## Índice

Introdução .....	7
A Conceção de Senso Comum de Arte .....	9
Arte e Psicose .....	12
Problema e Objetivos de Investigação .....	14
Método .....	15
Participantes .....	15
Recolha de dados .....	16
Análise de dados .....	16
Resultados .....	17
Conceções Sobre a Apreciação da Arte .....	17
Conceções Sobre a Criação da Arte .....	25
Conceções Sobre a Obra de Arte .....	33
Discussão.....	36
Conclusão.....	42
Referências .....	45

## Índice de tabelas

Tabela 1. Conceções sobre a Apreciação da Arte (AA) .....	19
Tabela 2. Conceções sobre a Criação da Arte (CA) .....	27
Tabela 3. Conceções sobre a Obra de Arte (OA) .....	34

## Introdução

Lev Semionovich Vygotsky, psicólogo russo considerado o precursor da Psicologia Histórico-Cultural, iniciou as suas reflexões e estudos no campo da Psicologia investigando a reação estética suscitada no sujeito que aprecia uma obra de arte (Vigotski, 1999). O autor esforçou-se para demonstrar a arte como um fenômeno humano, cujas raízes e essência são sociais, caracterizando-se portanto, como um agente mediador potente na relação do homem com a realidade e consigo próprio. Para além disso, Vygotsky elabora a potência da arte como precursora da vivência emocional no sujeito que a aprecia (Vigotski, 1999). Ou seja, no contato com a produção artística o sujeito vive as situações e/ou os fenômenos que nela são expressos, no entanto, estes são fenômenos que não pertencem ao sujeito, nem à sua realidade mas que são vividos com as suas emoções e sentimentos como sendo reais. Assim, Vygotsky define a obra de arte como uma espécie de sentimento social prolongado ou uma técnica de gerar sentimentos (Vigotski, 1999). Apesar das ideias de Vygotsky (1999) ou de Clive Bell, que nos diz que “Everyone in his heart believes that there is a real distinction between works of art and all other objects” (Bell, 2013 p. 26), ou ainda de tantos outros estudiosos importantes, não existe um consenso sobre como definir a arte (Jacobsen et al., 2004; Janson, 1998; Winner, 2019). Vários autores procuram explorar os fatores que influenciam a apreciação de obras de arte, por exemplo, a simetria, complexidade, novidade, familiaridade, estilo artístico, e apelo ao status social pela obra, assim como as preferências individuais (Jacobsen et al., 2004), os processos cognitivos (Leder et al., 2004; Pelowski & Akiba, 2011), ou a perícia (Leder et al., 2004) do apreciador. Contudo, apesar dos vários contributos, não existe ainda uma teoria unificadora que explique quais os fatores que constituem a experiência de apreciação, devido à complexidade das questões inerentes a este fenómeno (Jacobsen, 2004). A Psicologia da Arte, nas suas várias vertentes (como a experimental e a psicanalítica), aprofunda-se no assunto e assume que não basta considerar apenas um dos pólos da "experiência estética" — o subjetivo ou objetivo. Não é possível esquecer que o sentido inerente à arte não reside apenas nos estados psíquicos do sujeito, nem deriva apenas dos objetos, como direta consequência das suas qualidades físicas, pois a experiência estética tem um profundo carácter valorativo (Frayze-Pereira, 1984, 1994).

Freud (1911, cit. por Frayze-Pereira, 1984) concebeu a arte como uma forma de reconciliar os dois princípios de funcionamento mental: o princípio do prazer e o princípio da realidade. O pai da psicanálise afirma que o artista é frequentemente um homem que se afasta da realidade porque não concorda em abrir mão das paixões, que responderiam ao princípio do prazer. Estas paixões, os desejos eróticos, alcançam a satisfação instintiva pela via da fantasia.

A criação artística transforma a fantasia em uma verdade de um novo tipo que é valorizada pelos homens “como reflexos preciosos da realidade” (Freud, 1911 p. 242). Freud (1911, cit. por Frayze-Pereira, 1984) afirma ainda que a produção artística é apenas apreciada por outros homens porque eles também sofrem com o fato de terem de abrir mão do princípio do prazer em nome do princípio da realidade. A concepção da criação interessa à psicanálise na medida em que explora a questão do próprio funcionamento psíquico. É comum encontrar na literatura psicanalítica o termo sublimação (mecanismo de defesa psíquico) ligado à arte. Sabe-se que o artigo de Freud específico sobre este tema foi extraviado, portanto este conceito é utilizado de uma maneira bastante vaga, não constituindo uma designação absoluta do processo de criação artística. A sublimação consiste num destino específico das pulsões onde há um desvio de um objeto para um outro objeto mais valorizado e aceite socialmente. Este destino específico diz respeito às produções culturais em geral (Kosovski, 2016). Lacan (1959-60, cit. por Kosovski, 2016) compreende a sublimação como a elevação de um objeto à dignidade da coisa. A “coisa” em psicanálise consiste naquilo que está irremediavelmente perdido e que procuramos incessantemente reencontrar. Isso que está perdido é puro vazio, é feito de um “buraco”. Na arte realizar-se-ia uma organização em torno desse vazio (Kosovski, 2016). Rivera (2002, p. 41) afirma que “mais do que preencher o vazio, a criação artística refaz esse vazio à maneira de um vaso”. Curiosamente, e afastando-se da conceptualização aqui descrita que associa a criação de arte ao aparelho psíquico humano, em 1961, desenhos de um primata foram expostos e considerados como obras de arte numa galeria em Milão por iniciativa do pintor Francesco D'Areno (Maccaulay, 1968). Esta exposição deu lugar a uma discussão sobre as fronteiras da criação artística. Três anos antes, isto é, em 1959, em São Francisco na Califórnia, uma outra galeria de arte expôs quadros de um chimpanzé que foram comprados por elevados valores monetários (Maccaulay, 1968). Levantam-se assim uma panóplia de questões associadas ao tema da arte, o que é afinal a arte? Quem pode criar arte? O que leva um ser a criar arte? Como se aprecia arte? Se considerarmos historicamente as definições de arte, segundo Pareyson (1984), podemos ordená-las basicamente em três categorias: arte entendida como fazer, arte entendida como exprimir e arte entendida como conhecer. São concepções que ora se opõem, ora se combinam, mas que em suma apontam para contextos históricos bastante distintos.

Com efeito, a primeira concepção — a arte entendida como fazer, prevaleceu na Antiguidade quando o aspeto fabril e manual era acentuado. Com o Romantismo prevalece a segunda — a arte como expressão, a beleza não compreendida como adequação a um modelo exterior, mas pela íntima coerência das figuras artísticas com o sentimento que as inspirava e suscitava. Mais tarde no Renascimento surge a terceira maneira de conceber a arte — a arte como visão

da realidade, ora da realidade sensível, ora de uma realidade metafísica superior, mais verdadeira, ou de uma realidade espiritual mais íntima, profunda e emblemática. É possível dizer que a arte encerra todos esses atributos. No entanto, é preciso observar mais de perto os próprios termos envolvidos nestas definições para se compreender que não são excludentes entre si (Frayze-Pereira, 1984, 1994), sendo sim complementares e dinâmicos. Isto torna-se evidente sobretudo na atualidade onde a rápida e constante mutabilidade dos critérios da arte moderna sobre o que é considerado como arte parece provocar uma crise na sua definição e recepção (Leder et al., 2004). Se considerarmos, por exemplo, a primeira definição - a arte é expressão - teremos que admitir, que todas as operações humanas são mais ou menos expressivas, isto é, que toda a obra humana contém a espiritualidade e a personalidade de quem a realizou e que nesse sentido a arte é também operação expressiva. Logo não é esse aspecto que caracteriza a arte na sua essência. Dizer, por exemplo, que a arte é expressão de sentimentos pode ter sentido no plano de um particular programa de arte (isto é, no plano de uma poética), mas não no plano da estética, quer dizer no plano de uma concepção geral de arte (Frayze-Pereira, 1984; 1994).

Este mesmo tipo de reflexão serve para a concepção que diz a arte como conhecimento, isto é que enfatiza a função cognitiva da arte. Sabemos que da arte pode chegar a fazer-se ciência, como com Leonardo Da Vinci, mas aquilo que se diz da arte, que ela é reveladora da verdadeira realidade das coisas, pode dizer-se de outras atividades humanas, que no seu concreto exercício, abrem portas sobre a constituição da realidade: a Filosofia, a Ciência, a Moral ou a Religião por exemplo (Frayze-Pereira, 1984, 1994).

#### *A Concepção de Senso Comum de Arte*

Considerando os modelos psicológicos que concetualizam o processo de apreciação de arte, tais como os propostos por Leder e colaboradores (2004) e Pelowski e Akiba (2011), estes sugerem a existência de um estágio anterior ao momento de apreciação, que a condiciona. Antes do momento de apreciação, e para que esta possa ocorrer, o apreciador tem já uma concepção sobre “o que é arte”, que irá condicionar, seja em que sentido for, a sua experiência, funcionando como mediador dessa experiência (Leder et al., 2004; Pelowski & Akiba, 2011; Wagner et al. 2014). Além disso, a forma dessa apreciação é também afetada pela representação da pessoa sobre o que é arte e como a arte deve ser avaliada (Gardner et al., 2008).

Embora escassa, a pesquisa sobre as concepções de senso comum da arte tem conseguido identificar uma variedade de noções sobre arte, possivelmente organizáveis em três

dimensões transversais, nomeadamente: uma primeira dimensão, relativa à natureza da obra de arte (Cunha, 2021; Gardner et. al., 2008; Jacobsen et. al., 2004; Johnson, 1982; Kindler et al., 2000); uma segunda dimensão, referente à índole do processo de criação artística e do artista (Cunha, 2021; Gardner et al., 2008; Johnson, 1982; Kindler et al., 2000; Pietras, 2018); e uma terceira dimensão, a respeito da natureza do processo de apreciação de arte (Cunha, 2021; Gardner et al, 2008; Johnson, 1982).

A primeira dimensão da concepção de senso comum da arte, relativa à natureza da obra de arte, mostra que os atributos frequentemente associados às obras de arte dizem respeito ao conceito de “belo” (Kindler, Darras & Shiang, 2000). Ainda nesse sentido, segundo Jacobsen et al. (2004) a dimensão belo-feio representa o conceito primário relativo à estética dos objetos, de modo que a realização de julgamentos estéticos da beleza dos objetos surge de forma intuitiva para os indivíduos. Atributos relativos à forma e aos materiais constituintes das obras de arte também são referidos frequentemente (Johnson, 1982), assim como a natureza da obra de arte assente num carácter real ou num carácter imaginário (Gardner et al., 2008) e a sua expressividade (Hagtvedt & Patrick, 2008). Por outro lado, no estudo realizado por Cunha (2021), surgiram concepções que apontam tanto para a existência de critérios estéticos intrínsecos à obra de arte como para a ausência de tais critérios. No primeiro caso identificaram-se concepções da obra de arte como: criação humana com forma ou intenção estética, atrativa, representacional, bela, mágica, algo com valor artístico, ocultante de elementos, original, expressão pessoal, impactante, interpretável e apreciável. No segundo caso observaram-se concepções da obra de arte como: criação natural com impacto estético, impermanente, algo com eventual impacto neutro, mutável, polimórfica, considerada como arte pelo apreciador ou pelo artista e algo derivado de um processo criativo.

No que diz respeito à segunda dimensão da concepção de senso comum da arte, relativa à natureza da criação artística, as concepções parecem variar: quanto à natureza dos agentes da criação, considerando-se esta como algo exclusivo aos seres humanos ou como resultado da natureza (Gardner, 2008; Kindler, 2000); quanto à origem da criação, considerando-se que esta exige prática ou, em oposição, que é resultado de uma habilidade inata (Gardner, 2008); e quanto ao propósito e utilidade da criação, considerando esta como algo útil do ponto de vista prático ou algo que é realizado sem vista a um uso prático (Johnson, 1982). Foram ainda observadas concepções quanto à determinação individual do artista, considerando a criação como um processo intimamente relacionado à determinação do artista em criar (Johnson, 1982); ou quanto à definição de artista contemporâneo, considerando a criação como um processo interpretativo mais abrangente a nível simbólico (Pietras, 2008). Mais, através de um estudo realizado por Hagtvedt & Patrick (2008) ficou em evidência que o modo de criação é

uma característica central da noção de obra de arte (e.g., “talento”, “criatividade e habilidade”, “eu não poderia fazer isso”), enquanto uma afirmação sem este modo de criação (“símbolo... não criatividade e habilidade”) não era suficiente para que os participantes considerassem uma construção como sendo uma construção artística. Por outro lado, no estudo de Cunha (2021), foram descritas concepções relativas a quatro vertentes da criação da arte. Na primeira, referente aos processos de criação, foram identificadas concepções da criação de arte como um processo: livre, espontâneo, criativo, focalizado, expressivo, que envolve pensamento crítico, que instiga emoções e percepções, que materializa sentimentos ou pensamentos, que implica a utilização de um método ou estilo e que implica dedicação. Na segunda vertente, referente aos agentes de criação, foram descritas concepções da criação de arte como um processo: individual, humano, não necessariamente profissional ou exclusivo a profissionais. Na terceira vertente, referente aos fatores de criação, são descritas concepções da criação de arte como resultante de: habilidade inata, impulso, conflito interior e da cultura. Na quarta vertente, referente aos efeitos da criação, são descritas concepções da criação da arte como provocando: reações emocionais no criador, evasão, bem-estar, ventilação emocional, conhecimento, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

Relativamente à terceira dimensão da concepção de senso comum da arte, referente ao processo de apreciação de arte, surgem concepções sobre os resultantes da experiência da apreciação, tais como a sensação de “divertimento”, “interessante”, “de ser algo louco”, “algo que se gosta”, ou “algo que não se gosta” (Johnson, 1982); e sobre a disposição pública das obras, ou seja onde é que as obras podem ser expostas/vistas, surgindo maioritariamente o local museu (Gardner et al., 2008). Por outro lado, no estudo de Cunha (2021), foram descritas três vertentes da dimensão de apreciação da arte. A primeira, referente aos processos de apreciação, englobou concepções como: reação emocional, envolvimento sensorial, projeção, interpretação e reflexão, subjetividade e aprendizagem do processo de apreciação. Para a segunda vertente, referente aos efeitos da apreciação, foram descritas concepções da apreciação como fonte de: inspiração, reinterpretação da realidade, facilitação da aprendizagem e de relaxamento/ evasão.

Acresce que cada cultura atribui significados diferentes à arte, que influenciam as concepções pessoais sobre a arte, igualmente influenciados pela família (Kindler et al., 2000). As concepções de senso comum de arte são assim fruto de um processo dinâmico de desenvolvimento do próprio indivíduo através de processos de assimilação e introjeção (Kindler et al., 2000). Ou seja, as concepções pessoais sobre a arte são influenciadas por representações sociais, concretizando-se em idades precoces. Contudo, estas concepções não são fixas e vão se alterando ao longo do desenvolvimento, deslocando-se de uma base mais emocional (idades

mais jovens) para uma base mais interpretativa ou racional de pensamento (idades mais avançadas) (Johnson, 1982). No momento prévio à apreciação de uma obra de arte cada indivíduo tem já formados os seus próprios esquemas perceptivos que irão influenciar a experiência de apreciação. São os “frames” cognitivos ou esquemas que ajudam a compreender e a dar respostas adequadas ao que nos rodeia. Este mesmo processo acontece quando um indivíduo é confrontado com uma obra de arte, isto é, é ativado automaticamente um esquema que se adequa à situação e que medeia a resposta de apreciação (Jacobsen et al., 2004). No estudo empírico apresentado neste trabalho foram utilizadas as três dimensões descritas anteriormente para explorar as concepções pessoais sobre a arte numa amostra de indivíduos psicóticos.

### *Arte e Psicose*

Lacan (1975-76, cit. por Da fonte, 2009) compreende a “loucura” (“psicose”) como intrínseca à condição humana. Nesse sentido os “loucos” diferenciam-se dos “outros”, “normais” ou “neuróticos”, apenas pelo seu grau de “loucura”, ou seja, é o grau de repetição de um tipo de mecanismo de defesa ou a falta de uma panóplia alargada de respostas adaptativas que caracteriza os estados patológicos (Da fonte, 2009). Tanto na neurose quanto na psicose, o indivíduo origina-se a partir da alienação no outro, mas na psicose falta a inserção efetiva de um terceiro na relação mãe e filho: o pai, limitando o psiquismo do indivíduo. A entrada do terceiro constituiria um corte, um processo de simbolização que triangula essa relação dual e que alargaria os mecanismos psíquicos a um nível de desenvolvimento normativo (Paula, 2016). A psicose compreende a esquizofrenia, a melancolia e a paranoia - enquanto manifestação sintomática inclui as alucinações e os delírios (Da fonte, 2009). Um indivíduo com uma estrutura psicótica pode passar a sua vida sem ter um surto psicótico, no qual se manifestariam estes aspetos fenomenológicos (Da fonte, 2009). É preciso que a realidade exija algo ao sujeito que o remeta a um significante que ele não possui para que a crise psicótica se instale. Afinal, uma estrutura psicótica é uma maneira de existir. Freud (1923, cit. por Da fonte, 2009) afirma que na psicose ocorre necessariamente a perda de uma ligação à realidade. O ego, a serviço do id, das paixões e das pulsões, abre mão da realidade na psicose. Num segundo momento, por meio da produção delirante, ocorre uma tentativa de reconstrução da realidade com a criação de uma nova realidade. Esta reconstrução é efetuada a partir dos precipitados psíquicos de uma antiga relação com ela, ou seja, os traços de memória, as antigas ideias e julgamentos (Da fonte, 2009); essa realidade reconstruída seria assim constantemente enriquecida por novas percepções psicóticas (Da fonte, 2009). O delírio

psicótico poderia no limite ser considerado como uma atividade criadora na qual ficaria claro que na percepção está em jogo sempre uma operação interpretativa (Foucault, 2000). Retomando as ideias de Freud, compreendemos que na “loucura” a realidade deverá ser reinterpretada mediante a construção delirante; na arte, da mesma forma, a percepção imediata falharia convocando assim o aspecto interpretativo. Segundo Lacan (1975-76, cit. por Da fonte, 2009), na psicose falta o significante primordial que organiza toda a cadeia de significantes. Não se trata de um significante qualquer, mas do significante “Nome-do-pai”, que consiste na articulação do logos, como testemunho pela palavra e como processo e efeito de dedução lógica e simbólica na formação do Ego. No caso da psicose, a ausência do “Nome-do-pai” instaura a ausência do simbólico, promovendo uma falha no processo de simbolização e no processo metafórico (Da fonte, 2009; Resende & Argimon, 2011). Na falta desta metáfora é preciso que uma outra seja construída para que se possa estar no mundo. É preciso que, como disse Lacan (Da fonte, 2009; Resende & Argimon, 2011), se faça uso de “muletas imaginárias”. Quando algo é exigido ao indivíduo na realidade e não há o recurso simbólico que suporte tal exigência, o indivíduo cai no vazio imaginário que constitui a psicose, e uma metáfora delirante é então produzida face à angústia de morte e desfragmentação psíquica numa tentativa de sobrevivência. Há nestes casos uma impossibilidade por parte do psicótico em delimitar as próprias fronteiras. Ele é o que o Outro diz que ele é. A partir do momento que algo na realidade convoca o psicótico a assumir um lugar que não foi simbolizado por ele antes, pela falta da metáfora paterna, começa uma crise com os fenômenos que a psiquiatria clássica descreveu, a saber, como estado crepuscular, alucinação auditiva, tentativa de constituição de um delírio, alucinação cinestésica, não auditiva e assim por diante (Da fonte, 2009; Resende & Argimon, 2011).

A relação da arte com a psicose pode ser apontada em duas instâncias: o interesse dos artistas pela arte dos psicóticos e as especificidades desta arte.

Considerando a primeira daquelas instâncias, os surrealistas, no início dos anos 1920, envolveram-se com a produção artística dos esquizofrênicos ao descobrirem o uso que estes fazem do automatismo, enquanto conjunto de sintomas inconscientes derivados de uma clivagem do Eu - e.g., pensamentos antecipados, impulsões verbais, fenômenos psicomotores, vazio de pensamentos, esquecimentos (Gasparetto, 2018); e dos símbolos, enquanto substitutos de uma ideia traumática, ou seja ideias inofensivas carregadas de afeto irracional devido a seu vínculo com a ideia patogénica (Soria, 2017). Por outro lado, também as fantasias em busca da libertação do inconsciente foram tema de interesse no estudo da arte esquizofrénica (Zoschke, 2006). Técnicas como a associação livre, utilizada em análise, na qual se sugere que as ideias fluam livremente, eram utilizadas pelos surrealistas como uma espécie

de jogo (Zoschke, 2006). A atração pela arte produzida nos hospitais psiquiátricos foi assim manifestada por vários artistas (Zoschke, 2006). Paul Klee e Max Ernst interessaram-se pela arte dos psicóticos devido à sua riqueza imaginativa, aos seus simbolismos e à sua espontaneidade. As comparações entre as produções artísticas modernistas e as produções artísticas de pacientes esquizofrênicos proporcionaram uma mudança na concepção do processo criativo. Tanto profissionais das artes como psiquiatras e psicanalistas observaram que ambas as produções se baseavam em aspetos individuais e instintivos que privilegiavam a subjetividade, o sentimento e a intuição. As ideias apareciam organizadas livremente a partir de um mundo imaginativo (Ferraz, 1998). A arte no sentido do inapreensível pode remeter-nos à arte dos esquizofrênicos que destaca esse mesmo aspeto do inapreensível, assim como da sua linguagem, também esta ligada ao que é incompreensível e não simbolizado (Ferraz, 1998).

Considerando as especificidades da arte psicótica, nomeadamente as observadas nos estudos de Prinzhorn (1992) sobre o desenho em psicóticos, deteta-se uma tendência para a utilização massiva de toda a área disponível de folha, em “tapete”, numa espécie de tentativa de “por para fora” todos os conteúdos que assoberbam a mentes ou, por outro lado, num comportamento defensivo para com o “espaço vazio”. Prinzhorn (1992) observou ainda que a mistura de fantasias religiosas e eróticas era comum na arte do grupo de psicóticos que analisou, assim com a representação do hermafroditismo e hibridação, interpretada como possível tentativa de lidar com assuntos muito primários como a diferenciação (Prinzhorn, 1992). A fixação e predominância de aspetos clivados e pormenorizados nas criações artísticas psicóticas também se assumem como características deste tipo de produção (Killick & Schaverien, 2002). Prinzhorn (1992) descreve um efeito impactante, mais grotesco e assustador, “de estranheza” presente na arte psicótica, onde são frequentemente utilizados, como recursos expressivos, símbolos como crucifixos ou partes do corpo humano isoladas. Estes fragmentos, que não se veem na realidade isolados, são representados pelos psicóticos dessa forma em maior quantidade do que pelas pessoas ditas “normais”, as quais têm uma maior tendência a representações algo mais holísticas (Prinzhorn, 1992).

### ***Problema e Objetivos de Investigação***

O problema de investigação do presente estudo é explorar quais as concepções que os adultos psicóticos têm sobre arte, investigando as representações e esquemas pessoais destes indivíduos sobre a arte. O objetivo principal desta investigação consiste em caracterizar as concepções de arte de adultos psicóticos, com enfoque na sua concepção de apreciação, criação

e obra de arte. Pretende-se ainda comparar as concepções de arte destes indivíduos com as de indivíduos da população normativa, especificamente as encontradas por uma investigação anterior (e.g., Cunha, 2021), realizada, de forma similar, sob uma população normativa de estudantes universitários.

As concepções pessoais sobre a arte constituem um dos fatores que influencia a classificação de um objeto ou situação como sendo arte, espoletando assim, ou não, o processo de apreciação. Intervenções de aconselhamento educacional e intervenções psicológicas terapêuticas pela arte beneficiarão da possibilidade de poderem efetuar um diagnóstico prévio sobre as concepções dos elementos alvo a quem se dirigem as intervenções. Neste sentido é fundamental explorar as concepções existentes em diferentes tipos de populações, nomeadamente na população psicótica, de forma a identificar possíveis idiosincrasias ainda desconhecidas no meio científico uma vez que a investigação sobre as concepções de arte em psicóticos parece inexistente.

## **Método**

### *Participantes*

A amostra do presente estudo é constituída por 15 participantes, diagnosticados com patologia mental da linha psicótica através de acompanhamento psiquiátrico no Sistema Nacional de Saúde (SNS), em situação clínica estável, com estilo de vida autónomo e apoiados por uma instituição de apoio à saúde mental. A idade dos participantes variou entre os 32 e os 60 anos ( $M= 44.86$ ;  $DP= 8.64$ ). Dos participantes que constituíram a amostra 12 participantes eram do sexo masculino (80%) e 3 participantes eram do sexo feminino (20%). No que diz respeito ao nível de escolaridade este variou entre o ensino básico ( $N= 6$ ), o ensino secundário ( $N=7$ ), e o ensino superior não concluído ( $N=2$ ). Os participantes encontravam-se familiarizados com a apreciação e a criação de arte, uma vez que são atividades utilizadas, com fins de reabilitação, no contexto da instituição de apoio onde foram recrutados.

O critério utilizado para recrutar os participantes da referida instituição foi intencional e orientado pela característica pretendida dos participantes (diagnóstico na linha psicótica), mas também oportunista, em função da sua disponibilidade de participação. Relativamente ao grau de experiência na apreciação de arte, este variou, de acordo com uma auto-avaliação qualitativa, entre pouca ( $N=6$ ), média ( $N=6$ ) e muita experiência ( $N=3$ ), tendo sido descritas na sua maioria experiências de visitas a museus, teatros e espetáculos; quanto ao grau de experiência na criação de arte, este variou, também de acordo com uma auto-avaliação

qualitativa, entre pouca ( $N=10$ ), média ( $N=4$ ) e muita experiência ( $N=1$ ), tendo sido descritas na sua maioria experiências criativas promovidas pela instituição de apoio, como pintura, escrita, desenho, atividades manuais e teatro.

#### *Recolha de dados*

Os participantes a quem foi estendido o convite de participação, foram previamente selecionados pelos técnicos do GIRA como potencialmente interessados e aptos a participar de forma voluntária no estudo. Após leitura e assinatura do consentimento informado, previamente aprovado por uma Comissão de Ética e Deontologia institucional, procedeu-se à realização de uma entrevista semiestruturada, com base num guião de entrevista (Anexo A), com duração de aproximadamente 50 minutos. O guião contém questões sobre: características demográficas pessoais (e.g., a idade, sexo, ano de escolaridade); o grau de experiência pessoal com a apreciação e a criação de arte; a conceção sobre a apreciação de arte (e.g., sobre o processo, os agentes, os fatores e os efeitos da apreciação); a conceção sobre a criação de arte (e.g., sobre o processo, os agentes, os fatores e os efeitos da criação); e a conceção sobre a natureza da obra de arte. Estas três dimensões da conceção de arte, assim como a sua estrutura no guião, baseiam-se no sistema de categorias resultante de um estudo anterior sobre a conceção de arte (Cunha, 2021), por sua vez baseado nas três principais dimensões da experiência psicológica da arte, tal como considerado pela área de estudos da Psicologia da Arte (e.g., Tinio, 2013). O guião foi pré-estado e as respostas foram registadas em áudio sem recurso à gravação de imagem. As entrevistas tiveram lugar numa sala da instituição de apoio dos participantes, com a presença exclusiva do entrevistador e do participante.

#### *Análise de dados*

As respostas dos participantes da amostra às questões de entrevista relacionadas com as conceções de aprendizagem foram processadas por uma análise temática de conteúdo (Miles & Huberman, 1994), que envolveu três momentos:

1. Segmentação das respostas em unidades temáticas, considerando como unidades temáticas distintas, todos os segmentos que abordam uma das variáveis contempladas no guião de entrevista: apreciação da arte (processo, agentes, fatores e efeitos), criação da arte (processo, agentes, fatores e efeitos) e natureza obra de arte.

2. Categorização das unidades temáticas segmentadas através de uma abordagem «intermédia» entre a categorização indutiva e dedutiva. Ou seja, as unidades foram categorizadas com um sistema de categorias resultante de um estudo anterior (Cunha, 2021) sobre as concepções da apreciação, da criação e da obra de arte (Anexo B) sendo que as unidades não categorizáveis nesse sistema foram categorizadas em novas categorias emergentes. Após construção, condensação e aprimoramento de um sistema final de categorias (apresentado na secção de Resultados), este foi utilizado para categorizar dedutivamente as mesmas unidades numa segunda volta.
  
3. Testagem de confiança do sistema de categorias final através do coeficiente de Bakeman e Gottman (1986), onde foi calculado o grau de acordo (87%) da categorização de 10% das unidades por uma analista independente previamente familiarizada e treinada na tarefa<sup>1</sup>.

## **Resultados**

A análise das respostas fornecidas pelos participantes às questões colocadas na entrevista permitiu identificar uma variedade de concepções sobre o tema da arte, estas respostas foram organizadas em três dimensões definidas a priori: Apreciação da Arte, Criação da Arte e Obra de Arte. Cada dimensão está organizada por metacategorias, às quais correspondem categorias de concepções particulares encontradas na amostra, que são descritas nas três secções que se seguem.

### *Concepções Sobre a Apreciação da Arte*

Relativamente à dimensão Apreciação da Arte, cujas categorias são sintetizadas e ilustradas com excertos exemplificativos de resposta na Tabela 1, as concepções foram agrupadas em quatro metacategorias - uma primeira relativa aos Processos de Apreciação, uma segunda referente aos Agentes de Apreciação, uma terceira referente aos Fatores de Apreciação e uma última referente aos Efeitos Pessoais da Apreciação.

A metacategoria Processos de Apreciação compreendeu as categorias: Emoção (a apreciação da arte envolve uma reação/ envolvimento emocional à/ com a obra, com emoções que podem ser positivas, como prazer, calma e admiração; ou negativas, como ansiedade,

desequilíbrio ou espanto)<sup>1</sup>; Atenção (a apreciação da arte envolve uma reação/ envolvimento atencional à/ com a obra); Sensorialidade (a apreciação da arte envolve uma reação/ envolvimento sensorial à/ com a obra); Percepção (a apreciação da arte envolve uma reação/ envolvimento perceptivo à/ com a obra); Reflexão (a apreciação da arte envolve uma reação/ envolvimento reflexivo à/ com a obra); e Subjetividade (a apreciação da arte é um processo subjetivo, variável por parte de quem o experiencia).

Relativamente à metacategoria Agentes de Apreciação, esta agrupou duas categorias: Humano (a apreciação de arte é exclusiva ao ser humano); e Não-humano (a apreciação de arte pode ser exercida por seres vivos que não o Ser Humano).

Na metacategoria Fatores de Apreciação, surgiram as categorias: Predisposição (a apreciação de arte é influenciada por uma predisposição inata para a arte); Idade (a apreciação de arte é influenciada pelo nível etário); Interesse (a apreciação de arte é influenciada pelo grau de interesse sobre a arte ou sobre determinada obra); Abertura (a apreciação de arte é influenciada pela abertura à obra de arte); Estimulação Interna (a apreciação de arte é influenciada pela estimulação interna do gosto pela arte); Tempo (a apreciação de arte é influenciada pelo tempo de apreciação); Meio (a apreciação de arte é influenciada pelo meio físico envolvente); Estimulação Externa (a apreciação de arte é influenciada pela estimulação externa do gosto pela arte); e, por último, Explicação (a apreciação de arte é influenciada pelo modo como a obra de arte e tudo o que lhe diz respeito é apresentado/ explicado ao apreciador).

No que refere à metacategoria Efeitos Pessoais da Apreciação, observaram-se as categorias: Modelação Sentimental (a apreciação da arte desenvolve sentimentos positivos como tranquilidade, paz, felicidade, vivificação, bem-estar; ou sentimentos negativos, como inquietude, aversão, desconforto, impaciência, depressão); Motivacional (a apreciação da arte motiva para nova apreciação da arte); Evasão (a apreciação da arte proporciona uma evasão da realidade); Terapêutico (a apreciação da arte possui um efeito terapêutico); Desenvolvimento (a apreciação da arte proporciona desenvolvimento pessoal); e a categoria Apropriação (a apreciação da arte pode despertar um desejo de posse da obra)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> No que diz respeito à categoria Emoção, observou-se a presença de uma subcategoria Empatia (a apreciação de arte envolve uma reação/ envolvimento empático para com a obra e/ ou para com aquilo que ela representa e/ ou para com o seu criador).

<sup>2</sup> No que diz respeito à categoria Desenvolvimento, esta contemplou três subcategorias, nomeadamente: Desenvolvimento Cognitivo (a apreciação da arte desenvolve no apreciador funções cognitivas, como a memória, atenção, criatividade, capacidade reflexiva e pensamento crítico); Humanização (a apreciação da arte pode desenvolver a humanidade do apreciador - e.g. desenvolvendo a sua sensibilidade); e Desenvolvimento Ideológico (a apreciação da arte influencia o apreciador com determinadas mensagens, desenvolvendo ideologias/ sociais e/ou políticas nos apreciadores).

**Tabela 1.***Conceções sobre a Apreciação da Arte (AA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Processos de Apreciação	<i>Emoção*</i>	-	“(…) [para haver AA o apreciador] necessita de gostar de ver” (…) umas pessoas gostam de uma coisa e outras gostam de outra”
	(A AA envolve uma reação/ envolvimento emocional à/ com a obra, com emoções que podem ser positivas, como prazer, calma e admiração; negativas, como ansiedade, desequilíbrio ou espanto)	Empatia + (A AA envolve uma reação/ envolvimento empático para com a obra e/ ou para com aquilo que ela representa e/ ou para com o seu criador)	“É preciso tentar sentir aquilo que a pessoa que fez a obra estava a sentir naquele momento, colocarmo-nos naquela posição”
	<i>Atenção+</i>	-	“(…) [A AA ocorre quando uma obra] capta a nossa atenção”
	<i>Sensorialidade*</i>	-	“É a visão [que é responsável pelo processo de AA]”
	<i>Percepção+</i>	-	“[A AA] tem de nos fazer (…) construir mentalmente uma beleza”

**Tabela 1. (Continuação)**

*Concepções sobre a Apreciação da Arte (AA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Processos de Apreciação (Continuação)	<i>Reflexão*</i> (A AA envolve uma reação/ envolvimento reflexiva à/ com a obra)	-	“[A AA] tem de nos fazer pensar (...)”
	<i>Subjetividade*</i> (A AA é um processo subjetivo, variável por parte de quem o experiencia)	-	“(...) todas as pessoas são diferentes e apreciam a arte de forma diferente conforme as suas características pessoais”
Agentes de Apreciação	<i>Humano*</i> (A AA é exclusiva ao ser humano)	-	“(...) só o Ser Humano consegue apreciar arte”
	<i>Não-humano+</i> (A AA pode ser exercida por seres vivos que não o Ser Humano)	-	“(...) os macacos apreciam quadros e pinturas também”
Fatores de Apreciação	<i>Predisposição+</i> (A AA é influenciada por uma predisposição inata para a arte)	-	“(...) também um dom e uma queda para a arte (...) uma coisa que nasce com a pessoa”
	<i>Idade+</i> (A AA é influenciada pelo nível etário)	-	“(...) a idade pode influenciar muito [a AA] (...) se a pessoa é mais velha ou não”

**Tabela 1. (Continuação)***Conceções sobre a Apreciação da Arte (AA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Fatores de Apreciação (Continuação)	<i>Interesse+</i> (A AA é influenciada pelo grau de interesse sobre a arte ou sobre determinada obra)	-	“(…) [para haver AA] tem de ter interesse”
	<i>Abertura+</i> (A AA é influenciada pela abertura à obra de arte)	-	“a pessoa tem de ter uma certa predisposição interior, [para apreciar arte] deixar-se levar pelo que está a ver, ter uma abertura”
	<i>Estimulação Interna+</i> (A AA é influenciada pela estimulação interna do gosto pela arte)	-	“(…) a pessoa pode também desenvolver o gosto pela arte”
	<i>Tempo+</i> (A AA é influenciada pelo tempo de apreciação)	-	“(…) nas exposições guiadas (…) a pessoa absorve mais, [porque] tem mais tempo [para a AA]”
	<i>Meio+</i> (A AA é influenciada pelo meio físico envolvente)	-	“O meio em que a arte está exposta, também condiciona [a AA], se está numa sala, no exterior e assim (…)”

**Tabela 1. (Continuação)***Concepções sobre a Apreciação da Arte (AA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Fatores de Apreciação (Continuação)	<i>Estimulação Externa+</i> (A AA é influenciada pela estimulação externa do gosto pela arte)	-	“(…) [a AA] primeiro vem do ambiente, da família, se inculcaram o gosto pela arte, os pais, os familiares, a escola”
	<i>Explicação+</i> (A AA é influenciada pelo modo como a obra de arte e tudo o que lhe diz respeito é apresentado/ explicado)	-	“quando são visitas guiadas é melhor para apreciar a arte porque explicam o significado de cada obra”
Efeitos Pessoais da Apreciação	<i>Modelação sentimental+</i>  (A AA desenvolve sentimentos positivos como tranquilidade, paz, felicidade, vivificação, bem-estar; ou sentimentos negativos, como inquietação, aversão, desconforto, impaciência, depressão)	-	“[A AA] Traz uma certa tranquilidade”
	<i>Motivacional+</i> (A AA motiva para nova AA)	-	“(…) [A AA] aguça o gosto para apreciar outros tipos de arte”
	<i>Evasão*</i> (A AA proporciona uma evasão da realidade)	-	“[A AA] Dá uma outra realidade, a pessoa pode-se abstrair do mundo em que vive (…)”

**Tabela 1. (Continuação)**

*Concepções sobre a Apreciação da Arte (AA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Efeitos Pessoais da Apreciação (Continuação)	<i>Terapêutico+</i> (A AA possui um efeito terapêutico)	-	“Ver arte faz bem às doenças, especialmente às doenças da cabeça”
	<i>Desenvolvimento*</i>  ( A AA proporciona desenvolvimento pessoal)	<i>Desenvolvimento Cognitivo+</i>  (A AA desenvolve no apreciador funções cognitivas, como a memória, atenção, criatividade, capacidade reflexiva e pensamento crítico)	“(…) [A AA] desenvolve também a atenção aos pormenores, desenvolve a atenção, a criatividade (…)”
		<i>Humanização+</i>  (A AA pode desenvolver a humanidade do apreciador – e.g. desenvolvendo a sua sensibilidade)	“(…) as pessoas que apreciam arte são mais humanas, mais sensíveis”
		<i>Desenvolvimento Ideológico+</i>  (A AA influencia o apreciador com determinadas mensagens, desenvolvendo ideologias/ sociais e/ou políticas nos apreciadores)	“[A AA] pode mesmo influenciar, hoje influencia muito a maneira de pensar das pessoas”

**Tabela 1. (Continuação)**

*Conceções sobre a Apreciação da Arte (AA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Efeitos Pessoais da Apreciação (Continuação)	<i>Apropriação+</i> (A AA pode despertar um desejo de posse da obra)	-	“Às vezes dá-nos vontade de adquirir a peça”

Nota: \* = categorias presentes no sistema de categorização utilizado; + = novas categorias emergentes

## *Conceções Sobre a Criação da Arte*

Relativamente à dimensão Criação da Arte, cujas categorias são sintetizadas e ilustradas com excertos exemplificativos de resposta na Tabela 2, as conceções foram agrupadas também em quatro metacategorias - uma primeira relativa aos Processos de Criação, uma segunda referente aos Agentes de Criação, uma terceira referente aos Fatores de Criação e uma última referente aos Efeitos Pessoais da Criação.

A metacategoria Processos de Criação compreendeu as seguintes categorias: Criatividade (a criação artística implica criatividade, gerar produtos autênticos e originais); Motivação (a criação artística envolve ou pressupõe uma motivação para criar); Inspiração (a criação artística envolve inspiração em algo)<sup>3</sup>; Intuição (a criação artística envolve intuição); Expressão (a criação artística envolve uma expressão/ projeção de perspectivas e estados internos); Materialização (a criação artística envolve uma “tradução” material de sentimentos/pensamentos); Dedicção (a criação artística envolve dedicação ao processo criativo); e Fluir (a criação artística envolve fluir, com focalização exclusiva na atividade criativa).

Relativamente à metacategoria Agentes de Criação, esta agrupou duas categorias: Humano (a criação artística é uma atividade humana); e Não-humano (a criação artística é uma atividade que pode ser exercida por outros agentes que não o Ser Humano).

No que respeita à categoria Não-humana observaram-se duas subcategorias, nomeadamente Animal (a criação artística pode ser exercida por animais) e Natureza (a criação artística pode ser exercida pela natureza).

Na metacategoria Fatores de Criação, surgiram as categorias: Estimulação Externa (a criação artística é influenciada pela estimulação externa do gosto pela arte); Oportunidade (a criação artística depende da oportunidade para tal); Habilidade Inata (a criação artística é influenciada por uma habilidade inata para tal); Experiência (a criação artística é influenciada pela experiência pessoal); Conhecimento (a criação artística é influenciada pelo conhecimento teórico prévio sobre arte); Desenvolvimento (a criação artística é influenciada pelo desenvolvimento dessa competência); Condição Psicológica (a criação artística é influenciada pela condição psicológica - e.g. estado de ânimo; nível de psicopatologia); Competitividade (a

---

<sup>3</sup> No que diz respeito à categoria Inspiração, observou-se a presença da subcategoria Inspiração na memória (a criação artística envolve inspiração em memórias passadas) e Inspiração divina (a criação artística envolve inspiração no divino).

criação artística é influenciada pela competitividade entre criadores); e, por fim, Confiança (a criação artística depende da confiança na técnica de criação).

No que refere à metacategoria Efeitos Pessoais da Criação, observaram-se as categorias: Reação Emocional (a criação artística provoca reações emocionais no criador)<sup>4</sup>; Evasão (a criação artística proporciona uma evasão da realidade); Sentido (a criação artística proporciona dar sentido à experiência pessoal); Desenvolvimento (a criação artística provoca o desenvolvimento pessoal); Humanização (a criação artística pode desenvolver a humanidade no criador- e.g., sensibilidade, altruísmo e empatia); Notoriedade (a criação artística pode proporcionar notoriedade social); e, por fim, Integração (a criação artística promove a integração na sociedade).

---

<sup>4</sup> No que diz respeito à categoria Reação Emocional, esta contemplou duas subcategorias, nomeadamente: Bem-estar (a criação artística provoca bem-estar no criador); e Mal-estar (a criação artística provoca mal-estar no criador).

**Tabela 2.***Concepções sobre a Criação da Arte (CA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>	
Processos de Criação	<i>Criatividade*</i> (A CA implica criatividade, gerar produtos autênticos e originais)	-	“Fazer uma coisa diferente, distinguir-se dos outros artistas, trazer à luz uma coisa que nunca foi vista”	
	<i>Motivação+</i> (A CA envolve ou pressupõe uma motivação para criar)	-	“(…) a vontade de criar que é importante para fazermos alguma coisa”	
	<i>Inspiração+</i> (A CA envolve inspiração em algo)	<i>Inspiração na Memória+</i> (A CA envolve inspiração em memórias passadas)	<i>Inspiração na Memória+</i> (A CA envolve inspiração em memórias passadas)	“(…) [a CA baseia-se em] memórias do passado”
		<i>Inspiração Divina+</i> (A CA envolve inspiração no divino)	<i>Inspiração Divina+</i> (A CA envolve inspiração no divino)	“[a arte é] algo que vem do divino”
	<i>Intuição+</i> (A CA envolve intuição)	-	“[Na CA está envolvida] Também a intuição, as mulheres fazem melhores obras de arte por causa da intuição”	
	<i>Expressão*</i> (A CA envolve uma expressão/projeção de perspectivas e estados internos)	-	“(…) [A CA] é uma forma de expressar o interior da pessoa”	

**Tabela 2. (Continuação)**

*Concepções sobre a Criação da Arte (CA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Processos de Criação (Continuação)	<i>Materialização*</i> (A CA envolve uma “tradução” material de sentimentos/pensamentos)	-	”Porque o criar não fica só na cabeça, a pessoa cria e executa”
	<i>Dedicação*</i>  (A CA envolve dedicação ao processo criativo)	-	“(…) [A CA] envolve a energia e a disposição que a pessoa tem para entregar ao projeto”
	<i>Fluir+</i> (A CA envolve fluir, com focalização exclusiva na atividade criativa)	-	”a pessoa deixa de existir, só existe aquilo que ela está a fazer”
Agentes de Criação	<i>Humano*</i> (A CA é uma atividade humana)	-	“(…) embora os pássaros tecelões [façam ninhos bonitos], criar é um cunho humano”
	<i>Não-humano+</i> (A CA é uma atividade que pode ser exercida por outros agentes que não o Ser Humano)	<i>Animal+</i> (A CA pode ser exercida por animais)	“(…) os chimpanzés também criam arte (…)”
		<i>Natureza+</i>  (A CA pode ser exercida pela natureza)	“(…) a própria Natureza ao criar uma flor também cria arte”

**Tabela 2. (Continuação)**

*Concepções sobre a Criação da Arte (CA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Fatores de Criação	<i>Estimulação Externa+</i> (A CA é influenciada pela estimulação externa do gosto pela arte)	-	“depende do meio, se estamos rodeados de artistas ou peças de arte criamos mais e melhor”
	<i>Oportunidade+</i> (A CA depende da oportunidade para tal)	-	“(…) Porque há pessoas que têm tantos dons e nunca lhes foi dada uma oportunidade [para a CA]”
	<i>Habilidade inata*</i> (A CA é influenciada por uma habilidade inata para tal)	-	“(…) a pessoa já traz um dom” [que utiliza para a CA]
	<i>Experiência+</i> (A CA é influenciada pela experiência pessoal)	-	“(…) um determinado episódio de vida pode atirar uma pessoa para a criação de uma obra de arte”
	<i>Conhecimento+</i> (A CA é influenciada pelo conhecimento teórico prévio sobre arte)	-	“(…) [a CA] necessita também um certo conhecimento teórico”

**Tabela 2. (Continuação)**

*Concepções sobre a Criação da Arte (CA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Fatores de Criação (Continuação)	<i>Desenvolvimento+</i> (A CA é influenciada pelo desenvolvimento dessa competência)	-	“(...) as pessoas têm de desenvolver as suas capacidades de criar, desenvolver as suas ideias e técnicas”
	<i>Condição psicológica+</i> (A CA é influenciada pela condição psicológica, como o estado de ânimo ou o nível de psicopatologia)	-	“[A CA é influenciada por] o estado anímico pessoal (...) o estado clínico da pessoa”
	<i>Competitividade+</i> (A CA é influenciada pela competitividade entre criadores)	-	“(...) hoje há muita competitividade, por exemplo na música (...)”
	<i>Confiança+</i> (A CA depende da confiança na técnica de criação)	-	“(...) mas deve haver uma confiança na técnica para poder criar”

**Tabela 2. (Continuação)**

*Concepções sobre a Criação da Arte (CA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Efeitos Pessoais da Criação	<i>Reação emocional*</i>	<i>Bem-estar*</i>	“[A CA] tem o efeito de fazer com que a pessoa que está a criar se sintam bem (...)”
	(A CA provoca reações emocionais no criador)	(A CA provoca bem-estar no criador)	
		<i>Mal-estar+</i>	“(…) mas às vezes [a CA] também pode irritar se não sair [a CA] como se quer”
	(A CA provoca mal-estar no criador)		
	<i>Evasão*</i>	-	“(…) [Durante a CA o criador sente-se] a saltar para outra realidade”
(A CA proporciona uma evasão da realidade)			
<i>Sentido+</i>	-	“[A CA] é um trabalho dignificante (...) acaba por dar um significado à vida”	
(A CA proporciona dar sentido à experiência pessoal)			
<i>Desenvolvimento*</i>	-	“(…) ao criar a pessoa desenvolve capacidades mentais, mas também desenvolve a motricidade. Nas capacidades mentais há a memória, a observação, a atenção, a criatividade (...)”	
(A CA provoca o desenvolvimento pessoal)			

**Tabela 2. (Continuação)**

*Concepções sobre a Criação da Arte (CA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Efeitos Pessoais da Criação (Continuação)	<i>Humanização+</i> (A CA pode desenvolver a humanidade no criador, como a sensibilidade, altruísmo e empatia)	-	“[os criadores de arte] são pessoas diferentes, mais ligados ao próximo, mais abrangentes, têm um sentido mais humano (...) tornam-se mais amigas”
	<i>Notoriedade+</i> (A CA pode proporcionar notoriedade social)	-	“[Com a CA o criador pode] fazer-se notado na sociedade” (...) pode trazer muitos dividendos”
	<i>Integração+</i> (A CA promove a integração na sociedade)	-	“(…) [A CA] faz com que a pessoa se sinta integrada na sociedade e na comunidade em que está”

Nota: \* = categorias presentes no sistema de categorização utilizado; + = novas categorias emergentes

### *Concepções Sobre a Obra de Arte*

Relativamente à dimensão Obra da Arte, cujas categorias são sintetizadas e ilustradas com excertos exemplificativos de resposta na Tabela 3, as concepções foram agrupadas em duas metacategorias - uma primeira, Correspondente a critérios intrínsecos à obra de arte, e uma segunda, Não correspondente a critérios intrínsecos à obra de arte.

A metacategoria Correspondente a critérios intrínsecos à obra de arte compreendeu as seguintes categorias: Atrativa (a obra de arte é algo que é atrativo); Impactante (a obra de arte é algo que tem um impacto no apreciador); Bela (a obra de arte é algo que é belo, harmonioso); Total (a obra de arte é algo com completude e totalidade); Original (a obra de arte é algo que é novo, original ou inédito); Expressiva (a obra de arte é algo expressivo); Significante (a obra de arte é algo que contém uma mensagem que efetua a significação de um conteúdo); e Manipulatória (a obra de arte pode ser manipulatória do apreciador).

Com relação à metacategoria Não correspondente a critérios intrínsecos à obra de arte, esta apresentou as seguintes categorias: Mutável (a obra de arte é algo mutável, em função da época histórica da sua criação); Considerada como arte (a obra de arte é algo considerado como arte pelo apreciador); Memorável (a obra de arte é algo que perdura na memória); Indutora do fluir (a obra de arte é algo que induz o fluir/flow no apreciador) e Fusional (a obra de arte é algo que promove a fusão do apreciador com a obra).

**Tabela 3.***Concepções sobre a Obra de Arte (OA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Correspondente a critérios intrínsecos à OA	<i>Atrativa*</i> (A OA é algo que é atrativo)	“a obra de arte tem de chamar a atenção das pessoas” [para ser considerada uma OA]
	<i>Impactante*</i> (A OA é algo que tem um impacto no apreciador)	“até um cocô pode ser uma obra de arte desde que mexa com a pessoa”
	<i>Bela*</i> (A OA é algo que é belo, harmonioso)	“(…) uma obra de arte tem de ter o conceito do belo, (…) tem de ser bonita”
	<i>Total+</i> (A OA é algo com completude e totalidade)	“a obra de arte tem de chegar por si só para que nada mais seja necessário naquele momento em que se observa, tem de ser completa”
	<i>Original*</i> (A OA é algo que é novo, original ou inédito)	“[ a OA é] uma coisa incomum que [as pessoas] não estão habituadas a ver”
	<i>Expressiva*</i> (A OA é algo expressivo)	“[a OA] tem de ser expressiva, que transmita emoções, ou sentimentos de forma intensa para quem está a ver”
	<i>Significante+</i> (A OA é algo que contém uma mensagem que efetua a significação de um conteúdo)	“Desde que tenha mensagem e conteúdo já é uma obra de arte”
	<i>Manipulatória+</i> (A OA pode ser manipulatória do apreciador)	“[Algumas OA] passam ideias más que tentam manipular a consciência dos outros”

**Tabela 3. (Continuação)**

*Conceções sobre a Obra de Arte (OA)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>	<b>Excerto Ilustrativo</b>
Não correspondente a critérios intrínsecos à OA	<i>Mutável*</i> (A OA é algo mutável, em função da época histórica da sua criação)	“[A OA] vai mudando consoante o tempo em que se faz, hoje em dia a pessoa vai ver um bailado e nem dançam como antigamente, até põem texto quando isso era mais no teatro”
	<i>Considerada como arte*</i> (A OA é algo considerado como arte pelo apreciador)	“Depende do ponto de vista da pessoa. Para uma pessoa que constrói casas uma casa pode ser uma obra de arte e para uma pessoa que só vai viver nela é só uma casa”
	<i>Memorável+</i> (A OA é algo que perdura na memória)	“[A OA tem de ser algo] que fique na memória para o futuro”
	<i>Indutora do fluir+</i>  (A OA é algo que induz o <i>fluir/flow</i> no apreciador)	“a obra de arte leva-nos com ela como se perdêssemos os sentidos para o resto, de repente esquecemo-nos de tudo e só sentimos a obra”
	<i>Fusional+</i>  (A OA é algo que promove a fusão do apreciador com a obra)	“para ser arte tem de se sentir como sendo um só, quem está a ver e a obra de arte (...) por exemplo no teatro se for mesmo arte quem está a ver pensa que faz parte da história também”

Nota: \* = categorias presentes no sistema de categorização utilizado; + = novas categorias emergentes

## Discussão

O objetivo principal deste trabalho consistiu em explorar as concepções de arte em adultos psicóticos, tendo em conta que estas concepções ou esquemas influenciam a forma como a arte é apreendida e contribuem para a regulação da experiência de apreciação, incluindo o processamento cognitivo das obras (Jacobsen et al., 2004; Pelowski & Akiba, 2011; Wagner et al., 2014). Para além de procurar explorar e classificar as concepções de arte que foram emergindo no decorrer da análise temática elaborada, sobre as respostas dadas pelos participantes nas entrevistas, este estudo teve como objetivo a comparação exploratória dos resultados obtidos com os de estudos anteriores com indivíduos de uma população normativa, particularmente com os de um estudo similar realizado anteriormente numa população normativa de alunos universitários (Cunha, 2021). Tendo em conta esse objetivo, as dimensões utilizadas para categorizar as respostas encontradas no presente estudo foram as mesmas que Cunha (2021) utilizou. Assim foram usadas três dimensões principais consideradas pela área de estudos da psicologia da arte (e.g., Tinio, 2013): Apreciação da Arte, Criação da Arte e Obra de Arte. Também as metacategorias utilizadas em cada dimensão foram idênticas às utilizadas por Cunha (2021), com uma exceção, na dimensão Apreciação da Arte (AA), onde foi criada uma nova metacategoria - Fatores de Apreciação.

### *Concepções sobre a Apreciação da Arte*

Considerando em primeiro lugar a concepção sobre os processos de apreciação da arte (AA) (Processos de Apreciação), a noção observada de que a AA envolve uma reação ou envolvimento emocional com a arte (Emoção) replica uma concepção encontrada no estudo anterior de Cunha (2021). No entanto surge aqui no presente estudo uma subcategoria nova, a qual descreve uma reação empática com a obra (Empatia), não estando esta retratada na literatura consultada. O fato da AA envolver uma reação atencional com a obra de arte surge também como uma nova categoria (Atenção) no presente estudo, não estando descrita nessa mesma literatura.

Por seu lado, a concepção observada de que a AA envolve uma reação sensorial à obra (Sensorialidade), corrobora igualmente os resultados de Cunha (2021). Por outro lado, a constatação, neste estudo, da noção de que a AA envolve uma reação preceptiva à obra de arte (Percepção), não aparece descrita na literatura consultada.

A noção da AA como envolvendo uma reação reflexiva (Reflexão) vai de encontro ao estudo de Cunha (2021), tal como o fato de a AA ser considerada um processo subjetivo, variável por parte de quem o experiencia (Subjetividade), que aliás é convergente com a perspectiva de que a experiência de apreciação da arte é relativa e de que esta é um conceito de definição difícil, sobre o qual não existe consenso teórico (Jacobsen et al., 2004, Janson, 1998; Wartenberg, 2007; Winner, 2019).

Considerando em segundo lugar a concepção sobre os agentes de apreciação de arte (AA) (Agente de Apreciação), a noção que a AA é exclusiva ao ser humano (Humano) replica um dos resultados de Cunha (2021). No entanto, a noção de que a AA pode também ser exercida por seres vivos que não o Ser Humano (Não-Humano; e g., "(...) os macacos apreciam quadros e pinturas também") não encontra paralelo na literatura consultada. Considerando em terceiro lugar a concepção sobre os fatores de apreciação da arte (AA) (Fatores de Apreciação), é importante ressaltar que se trata de uma concepção não explorada no estudo de Cunha (2021). A noção, observada no presente estudo, de que a AA é influenciada por uma predisposição inata para a arte (Predisposição), pode ser tida como convergente ao funcionamento psíquico psicótico, marcado por uma maior permeabilidade ao externo, dada a ausência de uma estrutura de Ego bem delimitada (Killick & Schaverien, 2002). Por outro lado, a noção observada da AA como influenciada pelo nível etário do apreciador (Idade) vai de encontro de que a apreciação e criação artística varia com o nível de desenvolvimento (e.g., Fróis, 2016). A noção observada no presente estudo de que o grau de interesse sobre a arte ou sobre determinada obra (Interesse) influencia a AA, não tem paralelo nos estudos consultados. Por outro lado, a noção observada de que AA é influenciada pela abertura à obra de arte (Abertura), parece convergir com a conceptualização de Arnheim (2015, p.52) da apreciação artística dos esquizofrênicos, caracterizada com a seguinte metáfora: "uma mente esquizofrênica pode literalmente deixar entrar a luz que não entra nas mentes intactas de muitas pessoas sãs cujas mentes estão fechadas". Por seu lado, a noção da AA como influenciada pela estimulação interna do gosto pela arte (Estimulação Interna e.g., "a pessoa pode também desenvolver o gosto pela arte"), não parece ter sido descrita na literatura anterior, aplicando-se o mesmo para as noções observadas de a AA ser influenciada pelo tempo de apreciação (Tempo), pelo meio físico envolvente (Meio) e pela estimulação externa do gosto pela arte (Estimulação Externa). Considerando finalmente a concepção sobre os efeitos pessoais da apreciação da arte (AA) (Efeitos Pessoais), a noção observada de que a AA é influenciada pelo modo como a obra de arte e tudo o que lhe diz respeito é apresentado ou explicado ao apreciador (Explicação), não se encontra descrita na literatura anterior consultada. O mesmo se aplica à noção observada da AA desenvolver sentimentos positivos,

como tranquilidade, paz, felicidade, vivificação, bem-estar; ou sentimentos negativos, como inquietude, aversão, desconforto, impaciência ou depressão (Modelação Sentimental) e com a noção de a AA motivar para nova AA (Motivacional). Por outro lado, a conceção observada de que a AA proporciona uma evasão da realidade (Evasão) corrobora os achados de Cunha (2021). Por seu lado, a conceção observada no presente estudo de que a AA possui um efeito terapêutico (Terapêutico; e.g., “Ver arte faz bem às doenças, especialmente às doenças da cabeça”) remete para a realidade dos participantes estarem mais familiarizada com as temáticas da perturbação mental e do uso de técnicas psicoterapêuticas com base artística - e.g., arte-terapia. A noção observada de que a AA proporciona desenvolvimento pessoal (Desenvolvimento), corrobora os resultados de Cunha (2021) Contudo, em relação a este estudo, surgiram no presente estudo três novas subcategorias para a categoria Desenvolvimento, que exprimem a noção de que a AA pode desenvolver no apreciador: funções cognitivas, como a memória, atenção, criatividade, capacidade reflexiva e pensamento crítico (Desenvolvimento Cognitivo); a sua humanidade ou sensibilidade (Humanização); e ideologias sociais e/ou políticas (Desenvolvimento Ideológico). No entanto, note-se que estas subcategorias são convergentes com o fato da arte ser utilizada frequentemente para fins de mudança pessoal, como acontece por exemplo com a arte-terapia (e.g., Gardner, et al., 2008). Em particular a subcategoria Humanização vai ao encontro da perspetiva que defende a apreciação da arte como um meio útil no processo reconstrutivo da fragmentalidade psicótica, ajudando a desenvolver no psicótico a sua humanidade e sensibilidade para o real (Killick & Schaverien, 2002). Por último, a conceção observada, no presente estudo, de que a AA pode despertar um desejo de posse da obra por parte do apreciador (Apropriação), não encontra paralelo na literatura anterior consultada.

### *Conceções sobre a Criação da Arte*

Considerando, em primeiro lugar, a conceção sobre os processos de criação da arte (CA) (Processos de Criação) como implicando a criatividade e a geração de produtos autênticos e originais (Criatividade), esta corrobora os resultados de Cunha (2021) e de Arnheim (1977), que descreve a relação entre a criatividade e a psicose, convicto de que esta pode atuar como catalisador que coloca ao dispor recursos potenciais de imaginação e organização formal. Nessa visão, a doença mental não gera um génio artístico, mas fornece acesso a um determinado dom da mente (Arnheim, 1977). No caso da arte psicótica, um estudo de Prinzhorn (1992) com desenhos de pacientes esquizofrénicos mostra duas tendências criativas

formais (a ornamental-decorativa e a imitativa), assim como uma terceira tendência altamente predominante, a tendência à fantasia não relacionada diretamente com a história de vida do indivíduo. A componente imitativa no processo artístico aparece também mencionada na referência ao naturalismo do século XIX onde a arte se associava à ideia de imitação do real, mantendo-se fiel às suas formas naturais (Prinzhorn, 1992). Por outro lado, as noções, observadas no presente estudo, de que a CA envolve e pressupõe quer uma motivação para criar (Motivação), como inspiração em algo (Inspiração), não aparecem descritas na literatura consultada. Considerando a concepção da criação como Inspiração, a noção observada de que a CA parece envolver inspiração em memórias passadas (Inspiração na Memória) ou no divino (Inspiração Divina) também não encontram paralelo na literatura consultada. A noção, observada neste estudo, de que a CA parece envolver intuição (Intuição) é descrita num estudo feito com desenhos de pacientes esquizofrênicos onde se chegou à conclusão de que o processo criativo deste tipo de indivíduos apresenta um grande instinto metafísico e intuitivo, em contrapartida a uma componente utilitarista da vida real mais desligada nestes casos (Prinzhorn, 1992). Por outro lado, a noção da CA como envolvendo também uma expressão ou projeção de perspectivas e estados internos do criador (Expressão) é convergente com os resultados obtidos por Cunha (2021), assim como a noção de que a CA envolve uma “tradução” material de sentimentos ou pensamentos (Materialização) e envolve dedicação ao processo criativo (Dedicação). Por último, a noção de que a CA envolve fluir, com focalização exclusiva da atividade criativa (Fluir), não aparece descrita na literatura consultada.

Considerando, em segundo lugar, a concepção sobre os agentes de criação da arte (CA) (Agentes de Criação), a noção, observada no presente estudo, de que a CA é uma atividade humana (Humano) é convergente com o estudo de Cunha (2021). Esta categoria replica outros estudos empíricos consultados que observaram a concepção da criação de arte como uma atividade exclusiva aos seres humanos (Gardner, 1975; Kindler, 2000). Por outro lado, a noção, observada no presente estudo, de que a CA é uma atividade que pode ser exercida por outros agentes que não o Ser Humano (Não-Humano) encontra paralelo parcial na literatura consultada. Efetivamente, nesta noção de que a CA pode ser exercida por outros agentes que não o Ser Humano (Não-Humano) observam-se duas ideias, uma aparentemente não registada anteriormente, que define que a CA pode ser exercida por animais (Animal) e outra que define que a CA pode ser exercida pela natureza (Natureza), o que parece convergir com a concepção descrita no estudo empírico de Kindler (2000) de que as obras de arte podem ser resultado da natureza/fenómenos naturais, e.g. “(...) a própria Natureza ao criar uma flor também cria arte”.

Considerando, em terceiro lugar, a concepção sobre os fatores de criação da arte (CA) (Fatores de Criação), a noção observada no presente estudo de que a CA parece ser influenciada pela estimulação externa do gosto pela arte (Estimulação Externa), não aparece descrita na literatura consultada, bem como a noção da CA depender da oportunidade que o criador tem para a realizar (Oportunidade). Por outro lado, a concepção observada neste estudo de que a CA parece ser influenciada por uma habilidade inata para tal (Habilidade Inata), corrobora os resultados de Cunha (2021) e a concepção encontrada numa outra investigação empírica anterior de que a habilidade inata é um dos fatores que influencia a criação de arte (Gardner et.al., 1975). No mesmo sentido, Prinzhorn (1992) refere-se a formas psíquicas de expressão ou configurações representacionais que seriam necessariamente quase idênticas para todas as pessoas sob as mesmas condições, um pouco como processos fisiológicos. Já no que diz respeito à noção, observada no presente estudo, de que a CA parece ser influenciada pela experiência pessoal do criador (Experiência), não está descrita na literatura consultada. Por seu lado, a noção observada da CA ser influenciada pelo conhecimento teórico prévio sobre arte (Conhecimento) pode ser tida como convergente com a concepção encontrada no estudo de Johnson (1982) de que a arte é a opinião de um artista sobre o mundo, ou seja, a sua forma de ver o mundo. As noções, observadas no presente estudo, de que a CA parece ser influenciada pelo desenvolvimento dessa competência (Desenvolvimento), pela condição psicológica, bem como pelo estado de ânimo ou o nível de psicopatologia (Condição Psicológica), pela competitividade entre criadores (Competitividade) e pelo fato de depender da confiança na técnica de criação (Confiança) não encontram paralelo na literatura consultada.

Considerando finalmente a concepção sobre os efeitos pessoais da criação da arte (CA) (Efeitos Pessoais da Criação), a noção observada de que a CA provoca reações emocionais no criador (Reação Emocional) está convergente com os resultados de Cunha (2021), bem como a noção de que a CA provoca bem-estar no criador (Bem-Estar). Por outro lado, constata-se, neste estudo, a noção de que a CA pode provocar mal-estar no criador (Mal-Estar), o que pode estar relacionado com um certo grau de intolerância à frustração observada em pacientes psicóticos (Killick & Schaverien, 2002), conforme indicado no excerto ilustrativo "(...) mas às vezes [a CA] também pode irritar se não sair [a CA] como se quer". A noção observada de que a CA conduz a uma evasão da realidade (Evasão) está em linha com a alusão, na literatura consultada, à CA como um processo que transporta o artista para um espaço psíquico distante da realidade concreta e objetiva, quer pela focalização no processo quer pelo espaço que o processo criativo ocupa no psiquismo (Prinzhorn, 1992). A noção, observada neste estudo, de que a CA conduz a um sentido à experiência pessoal (Sentido), não aparece descrita na literatura

consultada. Por um lado, a noção, observada neste estudo, de que a CA catalisa o desenvolvimento pessoal (Desenvolvimento) corrobora igualmente os resultados de Cunha (2021). Por outro lado, as noções, observadas neste estudo, de que a CA parece proporcionar o desenvolvimento da humanidade do criador (Humanidade) - e.g. sensibilidade, altruísmo e empatia - propiciar a notoriedade social (Notoriedade) e promover a integração na sociedade (Integração) não estão registadas na literatura consultada.

### *Conceções sobre a Obra de Arte*

No que concerne à terceira e última dimensão analisada, a dimensão da Obra de Arte (OA), os resultados na sua forma global, são convergentes com os observados por Cunha (2021). Considerando em primeiro lugar a concepção de que a OA é algo com critérios intrínsecos (correspondente a Critérios Intrínsecos à OA), observou-se que a noção de OA é algo que é atrativo (Atrativa) corrobora os resultados de Cunha (2021). A noção, observada neste estudo, de que a OA é algo que tem um impacto no apreciador (Impactante), converge com os resultados de Cunha (2021) e com a teoria filosófica da Arte de Clive Bell (1927), que defende que, para que uma obra seja considerada como arte esta deve provocar no apreciador uma reação ou emoção (cit. por Wartenberg, 2007). De alguma forma, isto é igualmente convergente com o efeito impactante, mais grotesco e assustador, “de estranheza”, presente na arte esquizofrénica, onde são muitas utilizados como recursos expressivos símbolos como crucifixos ou partes do corpo humano isoladas (Prinzhorn, 1992). A noção, observada no presente estudo, de que a OA é algo que é belo e harmonioso (Bela) corrobora a concepção de Cunha (2021), a concepção identificada por Jacobsen et al. (2004) e Kindler et al. (2000), da OA como algo bonito ou belo, assim como a ideia de que a arte deve ser harmónica e equilibrada nas suas proporções e simetrias (Prinzhorn, 1992). A noção, observada no presente estudo, de que a OA parece ser algo com completude e totalidade (Total), permite fazer uma ligação com a forma como os indivíduos psicóticos criam arte, ocupando todos os espaços vazios, por exemplo no desenho em “tapete”, onde ocupam toda a folha disponível para o desenho (Prinzhorn, 1992). Prinzhorn (1992) não foi capaz de esclarecer se o “*horror vacui*” deve ser tomado literalmente como ansiedade diante de espaços vazios ou se estamos simplesmente perante um desejo desinibido em derramar divertidamente os traços das suas próprias experiências no papel. De qualquer forma observou que a mistura de fantasias religiosas e eróticas era comum na arte do grupo de psicóticos que analisou, assim como a representação do hermafroditismo e hibridação sendo uma tentativa de lidar com assuntos muito primários com os quais se debatem – totalidade e diferenciação (Prinzhorn, 1992). As noções,

identificadas no presente estudo, de que a OA é algo que é novo, original ou inédito (Original) assim como algo que é expressivo (Expressiva) corroboram os resultados de Cunha (2021). A noção, observada no presente estudo, de que a OA é algo que contém uma mensagem que efetua a significação de um conteúdo (Significante), convergem com a concepção observada por Gardner e colaboradores (1975) de que a obra de arte é a representação de algo que acarreta um significado; e também com a representação de Prinzhorn (1992) que nos diz que só o significado é capaz de gerar arte. Por fim, a noção, observada no presente estudo, de que a OA pode ser manipulatória do apreciador (Manipulatória), não encontra paralelo na literatura consultada.

Considerando, em segundo lugar, a concepção da AO como não correspondente a critérios intrínsecos (Não Correspondente a Critérios Intrínsecos à OA), a noção, observada no presente estudo, de que a OA é algo mutável, em função da época histórica da sua criação (Mutável), corrobora os resultados de Cunha (2021). A noção de que a OA é algo considerado como arte pelo apreciador (Considerada como Arte) é convergente com a concepção descrita pelo estudo empírico de Gardner e colaboradores (1975), de que a definição de obra de arte depende maioritariamente de quem a aprecia. As noções, observadas no presente estudo, de que a OA parece ser algo que perdura na memória (Memorável) e algo que induz o *fluir/flow* no apreciador (Indutora de *Fluir*), não encontram paralelo na literatura consultada. Finalmente, a noção de que a OA parece ser algo que promove a fusão do apreciador com a obra (Fusional) converge com a dinâmica pouco diferenciada que está mais presente na estrutura psíquica dos indivíduos psicóticos (Prinzhorn, 1992) e à identificação entre ego e obra que é posta em evidência em algumas frases famosas do artista Jackson Pollock (que sofria de psicose maníaco-depressiva) como por exemplo “Eu não pinto a natureza, eu sou a natureza” (Paula, 2016).

## **Conclusão**

Concluindo, as concepções de arte observadas no presente estudo em parte replicam e em parte inovam as observadas nos estudos anteriores consultados. É importante ressaltar que se obtiveram respostas completas e diversificadas por parte dos participantes, resultando numa diversidade de concepções de arte, o que evidencia competência para refletir sobre o tema. Também é importante destacar o fato de que estas concepções parecem encontrar-se bastante articuladas com a realidade, evidenciando que apesar da patologia psicótica os participantes têm noções realistas sobre a arte. Efetivamente, surgem apenas duas exceções eventualmente

mais concordantes com o registo psicótico, nomeadamente a apreciação de arte por agentes não humanos, e.g. “(...) os macacos apreciam quadros e pinturas também” e a obra de arte correspondente a critérios intrínsecos, manipulatórios, e.g. “[Algumas OA] passam ideias más que tentam manipular a consciência dos outros”.

É, no entanto, importante ressaltar que o presente estudo é preliminar e exploratório, uma vez que se desconhecem outros estudos análogos a este com recurso a participantes psicóticos. As conceções de arte são influenciadas por diversos fatores, nomeadamente o contexto cultural (Kindler et al., 2000), as representações sociais de arte (Pietras, 2008) e o nível de desenvolvimento pessoal (Johnson, 1982; Gardner et al., 1975). Desta forma, torna-se problemática, mas também interessante, a comparação entre os resultados encontrados no presente estudo com os resultados encontrados nos estudos anteriores consultados, visto nenhum desses estudos ter recorrido a participantes adultos psicóticos.

É ainda importante salientar como limitação ao presente estudo o fato da amostra de participantes ter sido uma amostra de conveniência, de pequena dimensão, não permitindo, e de resto não aspirando nem a uma generalização dos resultados para a população (mas sim para a teoria), nem a uma análise estatística quantitativa. Por outro lado, deve igualmente atender-se à limitação de não ter sido possível identificar em concreto qual o diagnóstico de cada participante dentro da patologia de estrutura psicótica. Contudo os resultados parecem trazer um contributo e alguma inovação para a área de estudos quer da Psicologia da Arte quer da Psicologia Clínica e da Saúde, estabelecendo uma ponte de ligação fértil entre ambas. Isto é especialmente evidente se tomarmos em atenção por exemplo as áreas de intervenção psicoterapêutica baseada na arte onde as aplicações práticas do conhecimento obtido pelo presente estudo podem vir a ser desenvolvidas, nomeadamente, ao termos conhecimento das conceções pessoais que os pacientes possuem sobre a arte será mais fácil direcionar a intervenção e interpretar os resultados que com ela se vão obtendo.

Este estudo sugere como estudos futuros, a análise de uma maior amostra onde seja possível generalizar os resultados encontrados sobre as conceções da arte para a população psicótica no geral, será importante também associar os resultados obtidos a um diagnóstico mais preciso dentro da patologia psicótica. É importante desenvolver mais estudos sobre as conceções de arte em amostras normativas (sem patologia mental) de forma a estabelecer comparações. É ainda relevante de futuro comparar amostras similares em termos de diagnóstico clínico estudando algumas outras variáveis como por exemplo diferentes tipos de cultura, diferentes tipos de idade, sexo, escolaridade e experiência prévia com a arte.

## Referências

- Arnheim, R. (1977). The Art of Psychotics, *Art Psychotherapy, Pergamon Press*, 4, 113-120.
- Arnheim, R. (2015). The artistry of psychotics, *American Scientist*, 74(1), 48-54. <http://www.jstor.org/stable/27853938>.
- Bakeman, R. & Gottman, J. (1986). *Observing interaction: An introduction to sequential analysis* (1st ed.). Cambridge University Press.
- Bell, C. (2013). *Art* (1st ed.). Archive Classics.
- Cunha, R. (2021). *Conceções de arte em estudantes universitários* [tese de mestrado]. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa
- Da fonte, M. (2004, Setembro 3 - Setembro 4). *Do delírio ao sinthoma: Uma saída possível* [apresentação de Paper]. Anais da XI Jornada Freud Lacaniana de Psicanálise, Brasil.
- Ferraz, T. (1998). *Arte e loucura – limites do imprevisível* (1ª ed.). Lemos Editorial.
- Foucault, M. (2000). *A história da loucura na idade clássica* (6ª ed.; traduzido por José Teixeira Coelho Netto). Editora Perspectiva.
- Frayze-Pereira, J. A. (1984). *A tentação do ambíguo* (1ª ed.). Ática.
- Frayze-Pereira, J. A. (1994). Os limites da arte: A abertura para a psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 14(1,2,3), 14-21.
- Freud, S. (1996). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (12th. ed.). Imago.
- Fróis, J. P. (2016). 'Animals portrayed as princes': The ballpoint-pen drawings of Jaime Fernandes. *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, 25, 211-213. <https://doi.org/10.1017/S2045796016000081>
- Gardner, H., Winner, E., & Kircher, M. (2008). Children's conceptions of the arts. *Journal of Aesthetic Education*, 9(3), 60-77.
- Gasparetto, M. A., Ribeiro, M. S., Simanke R.T. (2018). O automatismo mental na obra psiquiátrica de Clérambault. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 7(13), 1-178.
- Hagtvedt, H. & Patrick, V. M. (2008). Art infusion: The influence of visual art on the perception and evaluation of consumer products. *Journal of Marketing Research*, 45(3), 379–389. <https://doi.org/10.1509/jmkr.45.3.379>

- Jacobsen, T., Buchta, K., Köhler, M., & Schröger, E. (2004). The primacy of beauty in judging the aesthetics of objects. *Psychological Reports, 94*(3), 1253–1260. <https://doi.org/10.2466/pr0.94.3c>
- Janson, H. (1998). *História da arte* (7ª ed.; traduzido por Ferreira de Almeida e Maria Manuela Rocheta Santos). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Johnson, N. R. (1982). Children's Meanings about Art. *Studies in Art Education, 23*(3), 61–67. <https://doi.org/10.2307/1320017>
- Killick, K. & Schaverien, J. (2002). *Art, Psychotherapy and Psychosis* (2nd. ed.). Routledge.
- Kindler, M., Darras, B., & Shiang Kuo, C. (2000). When a culture takes a trip: Evidence of heritage and enculturation in early conceptions of art. *Journal of Art & Design Education, 19*(1), 44–53. <https://doi.org/10.1111/1468-5949.00201>
- Kosovski, G. (2016). *Psicanálise e arte: uma articulação a partir da não relação em Louise Bourgeois: O retorno do desejo proibido, 19* (3), Sep-Dec. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003006>
- Leder, H., Belke, B., Oeberst, A., & Augustin, D. (2004). A model of aesthetic appreciation and aesthetic judgments. *British Journal of Psychology, 95*(4), 489– 508. <https://doi.org/10.1348/0007126042369811>
- Maccaulay, J. T. (1968). O macaco veio do homem. *Bloch, 2*(14) 38-49.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook* (2nd. ed.). Sage Publications, Inc.
- Pareyson, L. (1984). *Os problemas da estética* (1ª ed.; traduzido por Maria Helena Garcez). Martins Fontes.
- Paula, A. P. (2016). Jackson Pollock: Psicose maníaco-depressiva, corpo e criação. *Reverso, 38*(72).
- Pelowski, M., & Akiba, F. (2011). A model of art perception, evaluation and emotion in transformative aesthetic experience. *New Ideas in Psychology, 29*(2), 80–97. <https://doi.org/10.1016/j.newideapsych.2010.04.001>
- Pietras, K. (2018). Who is the contemporary artist? Social representation of the artist among visual art students. *Polish Journal of Applied Psychology, 15*(1), 107–126. <https://doi.org/10.1515/pjap-2015-0075>
- Prinzhorn, H. (1992). *Artistry of the mentally ill* (2nd. ed.). Springer.
- Resende, A. & Argimon, I. (2011). Esquizofrenia e criatividade artística. *Estudos e pesquisas em psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 11*(3),
- Rivera, T. (2002). *Arte e Psicanálise* (1a. ed.). Jorge Zahar Editor.

Soria A. C. S. (2017). Símbolo e relação simbólica em Freud. *Dossier Natureza Humana*, 19(1).

Tinio, P. L. (2013). From artistic creation to aesthetic reception: The mirror model of art. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 7(3), 265–275. <https://doi.org/10.1037/a0030872>

Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da arte* (1ª ed.; traduzido por Paulo Bezerra). Martins Fontes Editor.

Wagner, V., Menninghaus, W., Hanich, J., & Jacobsen, T. (2014). Art schema effects on affective experience: The case of disgusting images. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 8(2), 120–129. <https://doi.org/10.1037/a0036126>

Wartenberg, T. (2007). *The nature of art: An anthology* (2nd. ed.). Jolly J. Allen

Winner, E. (2019). *How art works. A psychological exploration* (2nd. ed.). Oxford University Press.

Zoschke, C. (2006) A fala do psicótico: Um signo amputado. In: Escritos sobre as Psicoses, *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, 1(12), 2326-2327.

## Anexos

### Anexo A - Guião de Entrevista

Tabela 1. *Variável: Características sociodemográficas*

Subvariáveis	Questões a colocar	Objetivos (alvos de avaliação)
Idade	"Quantos anos tem?"	Idade do participante
Sexo	(a registar)	Sexo do participante
Habilitações académicas	<b>Questões primárias:</b> "Quais as suas habilitações académicas?" <b>Questões alternativas:</b> "Qual o último ano (de escolaridade) que completou na escola?"	Habilitações académicas do participante
Experiência de apreciação da arte	<b>Questões primárias:</b> "Como caracterizaria o seu grau de experiência de apreciação da arte?"  "Frequenta ou frequentou alguma formação ou atividade de apreciação da arte? Pode caracterizá-la?" <b>Questões alternativas:</b> "Considera ter muita ou pouca experiência em apreciação de arte?"	Experiência de apreciação da arte do participante
Experiência de criação da arte	<b>Questões primárias:</b> "Como caracterizaria o seu grau de experiência de criação da arte? Pode caracterizá-la?"  "Frequenta ou frequentou alguma formação ou atividade de criação da arte? Pode caracterizá-la?" <b>Questões alternativas:</b> "Considera ter muita ou pouca experiência em criação de arte?"	Experiência de criação da arte do participante

**Tabela 2. Variável: Concepções sobre a Apreciação da Arte**

<b>Subvariáveis</b>	<b>Questões a colocar</b>	<b>Objetivos (alvos de avaliação)</b>
Processo de apreciação	<p><b>Questões primárias:</b>                      “No seu entender, como se aprecia uma obra de arte?”</p> <hr/> <p><b>Questões alternativas:</b>                      “O que acontece quando se aprecia uma obra de arte?”                      “O que é que acontece quando alguém aprecia uma obra de arte?”                      “Como é no seu entender a experiência de apreciar uma obra de arte?”</p>	Representação do participante sobre os processos psicológicos implicados na apreciação da arte (processos emocionais, cognitivos, comportamentais e interpessoais)
Agentes de apreciação	<p><b>Questões primárias:</b>                      “Na sua opinião quem é capaz de apreciar obras de arte?”</p> <hr/> <p><b>Questões alternativas:</b>                      “Na sua opinião quem consegue apreciar obras de arte?”</p>	Representação do participante sobre os tipos de agentes capazes de apreciação da arte.
Fatores de apreciação	<p><b>Questões primárias:</b>                      “Quais são os fatores da forma como apreciamos as obras de arte?”</p> <hr/> <p><b>Questões alternativas:</b>                      “Quais são as causas da forma como se aprecia arte?”                      “A forma de apreciar a arte é influenciada pelo quê?”</p>	Representação do participante sobre os fatores internos e externos da apreciação da arte.
Efeitos pessoais da apreciação	<p><b>Questões primárias:</b>                      “Quais os efeitos da apreciação da arte?”</p> <hr/> <p><b>Questões alternativas:</b>                      “O que acha que a apreciação de arte dá às pessoas?”                      “Como a apreciação da arte torna as pessoas?”</p>	Representação do participante sobre os efeitos pessoais diretos e indiretos da apreciação de arte.

**Tabela 3. Variável: Concepções sobre a Criação da Arte**

<b>Subvariáveis</b>	<b>Questões a colocar</b>	<b>Objetivos (alvos de avaliação)</b>
Processo de criação	<p><b>Questões primárias:</b> “No seu entender, como se cria uma obra de arte?”</p> <hr/> <p><b>Questões alternativas:</b> “O que está envolvido na criação de uma obra de arte?” “Que processos dão origem a uma obra de arte?”</p>	Representação do participante sobre os processos psicológicos implicados na criação da arte (processos emocionais, cognitivos, comportamentais e interpessoais)
Agentes de criação	<p><b>Questões primárias:</b> “Na sua opinião quem é capaz de criar obras de arte?”</p> <hr/> <p><b>Questões alternativas:</b> “Que tipo de pessoas conseguem criar obras de arte na sua opinião?”</p>	Representação do participante sobre os tipos de agentes capazes de criação da arte.
Fatores de criação	<p><b>Questões primárias:</b> “Quais são os fatores da criação das obras de arte?”</p> <hr/> <p><b>Questões alternativas:</b> “Quais são as causas da forma como se cria arte?” “A forma de criar a arte é influenciada pelo quê?”</p>	Representação do participante sobre os fatores internos e externos da criação da arte.
Efeitos da criação	<p><b>Questões primárias:</b> “Quais os efeitos da criação da arte?”</p> <hr/> <p><b>Questões alternativas:</b> “O que acha que a criação de arte dá às pessoas?” “Como a criação da arte torna as pessoas?”</p>	Representação do participante sobre os efeitos pessoais diretos e indiretos da criação de arte.

**Tabela 4. Variável: Conceções sobre a Obra de Arte**

<b>Questões a colocar</b>	<b>Objetivos (alvos de avaliação)</b>
<b>Questões primárias:</b> “O que é uma obra de arte?”	Representação do participante sobre critérios estéticos intrínsecos e extrínsecos para que uma obra de arte seja considerada como tal.
<b>Questões alternativas:</b> “Quais as características que torna algo em uma obra de arte?” “O que é que algo tem de ter para ser considerado uma obra de arte?”	

Tabela 1. *Concepções sobre a Apreciação da Arte*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>
<b>Processos de Apreciação</b>	<i>Reação Emocional</i> (A AA envolve reações emocionais, que podem ser positivas, como prazer, calma e admiração; negativas, como ansiedade e terror; ou de desequilíbrio, como espanto e intriga)
	<i>Sensorialidade</i> (A AA implica uma reação/ envolvimento sensorial à/com a obra)
	<i>Projeção</i> (A AA é uma projeção do apreciador e do seu contexto na obra de arte)
	<i>Interpretação</i> (A AA envolve uma interpretação da obra)
	<i>Reflexão</i> (A AA implica um processo de reflexão sobre a obra.)
	<i>Subjetividade</i> (A AA é uma experiência subjetiva, variável)
	<i>Aprendizagem</i> (A AA é um processo que implica aprendizagem.)

Tabela 1. *Concepções sobre a Apreciação da Arte (continuação)*

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>
<b>Agentes da Apreciação</b>	<i>Humano</i> (A AA é uma atividade exclusiva ao ser humano.)
	<i>Indivíduo</i> (A AA é essencialmente um processo individual)
<b>Efeitos Pessoais da Apreciação</b>	<i>Inspiração</i> (A AA pode ser uma fonte de inspiração.)
	<i>Reinterpretação</i> (A AA proporciona uma reinterpretação da realidade.)
	<i>Aprendizagem</i> (A AA pode proporcionar aprendizagem)
	<i>Evasão</i> (a AA é uma forma relaxante de evasão do cotidiano)
	<i>Desenvolvimento pessoal</i> (A AA é um pré-requisito do desenvolvimento pessoal)

**Tabela 2. Concepções sobre a Criação da Arte**

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>
<b>Processos de Criação</b>	<i>Livre</i> (A CA é uma forma de liberdade de expressão)
	<i>Espontaneidade</i> (A CA implica espontaneidade)
	<i>Criatividade</i> (A CA implica criatividade)
	<i>Focalização</i> (A CA implica uma focalização exclusiva no ato criativo)
	<i>Expressão</i> (A CA é uma expressão/projeção de perspectivas e estados internos, como sentimentos, emoções, conflitos, pensamentos, etc., através de/numa obra de arte)
	<i>Pensamento Crítico</i> (A CA implica pensamento crítico)
	<i>Instigação de Emoções</i> (a CA tem por finalidade instigar emoções)
	<i>Instigação de Percepções</i> (a CA tem por finalidade instigar percepções)
	<i>Materialização</i> (A CA é uma forma de interpretação material de sentimentos/pensamentos)
	<i>Cânon</i> (A CA implica a utilização de um método, estilo ou procedimentos técnicos pré-estabelecidos)
	<i>Dedicação</i> (A CA implica dedicação)

**Tabela 2. Concepções sobre a Criação da Arte (continuação)**

<b>Metacategoria</b>	<b>Categoria</b>
<b>Agentes de Criação</b>	<i>Indivíduo</i> (A criação CA é essencialmente um processo individual)
	<i>Humano</i> (A CA é uma atividade humana)
	<i>Não necessariamente profissional</i> (A CA é uma atividade não necessariamente profissional, aberta a qualquer pessoa)
	<i>Profissional</i> (A CA é uma atividade profissional exclusiva aos artistas)

**Tabela 2. Concepções sobre a Criação da Arte (continuação)**

Metacategoria	Categoria
Fatores da Criação	<i>Habilidade Inata</i> (A CA é uma habilidade inata de algumas pessoas)
	<i>Impulso</i> (A CA é resultado de um impulso pessoal de criação)
Efeitos da Criação no artista	<i>Cultura</i> (A CA é influenciada pelo contexto cultural)
	<i>Reações Emocionais</i> (A CA provoca reações emocionais no criador)
	<i>Evasão</i> (A CA é uma forma de evasão do cotidiano)
	<i>Bem-estar</i> (A CA é um meio de bem-estar)
	<i>Ventilação</i> (A CA um meio de ventilação emocional)
	<i>Conhecimento</i> (A CA é um meio de conhecimento)
	<i>Autoconhecimento</i> (A CA é um meio de autoconhecimento)
	<i>Desenvolvimento pessoal</i> (A CA contribui para o processo de desenvolvimento da pessoa)

**Tabela 3. Concepções sobre a Obra de Arte**

Metacategoria	Categoria	Subcategoria
Correspondente a critérios estéticos intrínsecos à OA	<i>Criação humana com forma/intenção estética</i> (A OA é uma criação humana com forma ou intenção estética)	–
	<i>Atrativa</i> (A OA é algo que é atrativo)	–
	<i>Representacional</i> (A OA é uma representação da realidade)	Representacional livre (A OA é uma representação livre da realidade.) Representacional literal (A OA é uma representação literal/imitação da realidade.)
	<i>Bela</i> (A OA é algo que é belo)	–
	<i>Mágica</i> (A OA é algo mágico)	–
	<i>Valor artístico</i> (A OA é algo com valor artístico)	–
	<i>Ocultante</i> (A OA é algo que oculta elementos)	–
	<i>Original</i> (A OA é algo novo, original ou inédito)	–
	<i>Valor artístico</i> (A OA é algo com valor artístico)	–

**Tabela 3. Concepções sobre a Obra de Arte (continuação)**

Metacategoria	Categoria	Subcategoria
	<i>Expressão Pessoal</i> (A OA é uma forma de expressão pessoal)	– Expressiva de emoções (A OA expressa emoções) Expressiva de mensagens (A OA expressa mensagens)
	<i>Impactante</i> (A OA provoca impacto nos seus apreciadores)	– Instigadora de identificação (A OA é algo que espoleta identificação com a obra) Instigadora de emoção (A OA é algo que espoleta emoção) Instigadora de reflexão (A OA é algo que espoleta reflexão)
	<i>Interpretável</i> (A OA é qualquer coisa que pode ser interpretada/ analisada)	–
	<i>Apreciável</i> (A OA é apreciável)	–

**Tabela 3. Concepções sobre a Obra de Arte (continuação)**

Metacategoria	Categoria
<b>Não correspondente a critérios estéticos intrínsecos à OA</b>	<i>Criação natural com impacto estético</i> (A OA pode ser uma criação da natureza com impacto estético)
	<i>Impermanente</i> (A OA é algo com identidade artística impermanente, em função da mutabilidade do critério do que é arte)
	<i>Com eventual impacto neutro</i> (A obra de arte pode ser uma realidade neutra, não provocando algum tipo de reação)
	<i>Mutável</i> (A OA é algo mutável, em função da época histórica da sua criação)
	<i>Polimórfica</i> (A AO assume uma panóplia de formas, em função dos seus diferentes domínios e técnicas)
	<i>Considerada como arte pelo apreciador ou apreciadora</i> (A OA é algo considerado como arte por um apreciador ou apreciadora)
	<i>Considerada como arte pelo artista</i> (A OA é algo considerado como arte pelo seu criador ou criadora)
	<i>Derivada de um processo criativo</i> (A OA é definida pelo processo que a precede)